

O político no urbano via designação “Terra de Gente Boa”

p. 7 - 18

Carme Regina Schons¹

Maria Cleci Venturini²

Resumo

O presente trabalho tem por origem um estudo de cunho teórico-prático que envolve o conceito de memória relacionado às atividades rememorativas/comemorativas da cidade de Passo Fundo e às atitudes políticas de seus prefeitos. O jogo discursivo de publicidades de diferentes governos municipais permite identificar as memórias que as designações sustentam e as que apagam, uma vez que as falas que constituem a identidade da cidade são atravessadas por um imaginário de cidadão de sucesso. A designação “Terra de gente boa” indica domínios de memória que funcionam nos discursos de políticos da cidade e, por tal designação, Passo Fundo é representada para dentro e para fora de seus limites como um espaço imaginariamente ideal.

Palavras-chave: Designação. Discurso. Rememoração/Comemoração.

Abstract

The present article has as its origin a theoretical-practical study that involves the concept of memory related to the memorial / commemorative activities of Passo Fundo and their political attitude. The discursive game of publicities in different municipal governments allows one to identify what memories those designations sustain and which ones they obliterate, since the speeches that constitute the identity of the city are crossed by an imaginary of a successful citizen. The designation “Land of good people” composes domains of memory that work in the discourses in the / of the city and for that designation. Passo Fundo is represented inside / outside its limits as a supposedly ideal space.

Key-words: Designation. Discourse. Remembrance/Commemoration

Considerações iniciais: lugares e fronteiras

O fio condutor de nossas reflexões é o entrelaçamento do espaço urbano com o político, que se configura na língua e que ocorre, a partir da designação de Passo Fundo como “Terra de gente boa”, pelos atos de nomear/determinar. A relação

se estabelece entre o institucional e o legitimado e constitui um imaginário de cidade e de cidadão, na estrutura da língua e em um acontecimento histórico e discursivo, quando se sobrepõe ao político-administrativo. Segundo Orlandi (2002), “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz” (p. 42), e decorre de relações sociais, de inscrições

1. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Universidade de Passo Fundo. E-mail: carme_regina@hotmail.com

2. Doutora em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Santa Maria, professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: mariacleciventurini@hotmail.com

na história, podendo-se dizer, por isso, que as relações de poder as determinam.

A respeito do ato de nomear/determinar, decorrente de um discurso que, de acordo com Venturini (2009), constitui a rememoração corresponde não só à dimensão não-dizível do dizer, mas também à memória que sustenta, pela repetição, toda a possibilidade de falar *sobre*, instituindo a comemoração daquilo que consagra a cidade e sustenta o imaginário de certo tipo de cidadão no espaço urbano. Para a autora, a rememoração, como discurso *de* “participa da urgência de uma formação social em comemorar, fornecendo-lhe um modo de funcionamento, [...] como andaimes que estruturam o discurso comemorativo. No caso do enunciado “Terra de gente boa”, temos a designação de Passo Fundo que, não só abre espaço para a inscrição de cidadãos comuns no político da cidade, como também viabiliza a inscrição de ações político-administrativas, que determinam as ações de um bom governo, e de sua filiação a bom partido³. A representação dos sujeitos-cidadãos de Passo Fundo pela designação “Terra de gente boa” ancoram-se em memórias que significam na formação social e discursos que retornam. Tem-se que a designação do espaço urbano surge por relações assentadas na ordem do imaginário e na construção de realidades sociais pelo funcionamento do político e do administrativo que respondem pelo que é apagado ou visibilizado na formação social, ainda que não “gerenciem” a memória, a qual segundo Pêcheux (1999, p.56),

é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...um espaço de desdobramentos, réplicas, polémicas e contra-discursos.

O funcionamento da memória como espaço

de disjunções e de desdobramentos faz com que as designações e a comemoração não possam ser totalmente “gerenciadas”. De acordo com Venturini (2009), a comemoração se forma no eixo sintagmático das relações e concretiza-se na tensão entre o já-dito e a reinscrição do dizer no eixo da memória, instaurando equívocos e deslizamentos, que permitem referendar, conforme Pêcheux (1997, p. 160), “que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico [...]” de sua produção/reprodução. No eixo da formulação, a rememoração e a comemoração funcionam juntas, sendo grafadas como rememoração/comemoração.

Em relação ao enunciado “Terra de gente boa”, é possível dizer que ele rompe com o discurso que o sustenta, tendo em vista outro enunciado que circulou em um momento histórico anterior, “Passo Fundo, passo firme para o progresso”, filiado aos saberes do regime militar e ao que caracterizou os anos de silenciamento no Brasil em. Esse slogan foi cunhado na legislatura de Edú Villa de Azambuja, prefeito eleito em 1972, que se identificava ao Governo Federal por ser militar. Diante disso, retorna a questão a que nos propomos estudar: a quem “Terra de gente boa” vem nomear/determinar? A nomeação de cidadãos é ou estaria determinada pelo lugar que, por coincidência, representa o espaço urbano? Diante das considerações realizadas, entendemos ser relevante retomar questões teóricas referentes ao espaço urbano e ao imaginário que o constitui.

3 Estar filiado a um bom partido político, para nós, caracteriza a filiação à ideologia do Governo Federal, nesse caso, estar integrado ao partido político ARENA do tempo da ditadura.

Espaço urbano: um primeiro entrelaçamento entre a teoria e a prática

Do ponto de vista discursivo, para Orlandi (1999), a cidade é um espaço simbólico que tem sua materialidade e que produz sua significância, dando forma a um conjunto de gestos de interpretação constitutivos do urbano. A distinção entre a cidade e urbano sustenta-se na maneira como o urbanista fala da cidade a partir de categorias do urbanismo. Segundo Orlandi (*Ibid.*, p. 9), em consequência disso, “deixam de dizer a cidade em seu real, em sua materialidade específica”.

Nessas reflexões, a autora observa a constituição do discurso urbano e as posições-sujeito dos habitantes da cidade e conclui que o mecanismo discursivo, constitutivo desse discurso, é o das projeções imaginárias, ou de antecipação. Por elas, o sujeito se coloca no lugar do outro e, desse lugar, “ouve” suas palavras, antecipando-se ao sentido que elas produzem, mas segundo Pêcheux (1997, 1997a), essas projeções não ocorrem sem transformações, nem sem deslocamentos.

A cidade se forma por um aglomerado de instituições, que compõem “o seu tecido”, à medida que elas trabalham com o que é ou não legítimo no espaço urbano, atuando como o lugar da coerção. Orlandi (*idem*) diz que há um entrelaçamento entre o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade, de maneira que “formam um só corpo, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro”, um reclamando o outro nas dimensões histórica, material, social, cultural e econômica. Feitas tais considerações, passemos às condições de produção do slogan “Passo Fundo, Terra de gente boa”.

Constituição sócio-histórica de Passo Fundo: filiações e identificações

Para ler/interpretar/compreender discursivamente Passo Fundo e a designação pela qual ela se representa é salutar sublinhar que sua representação abarca os sujeitos-cidadãos - corpo social - que fazem dela “Terra de gente boa”. Fora de seus limites, a cidade é conhecida como “Terra do homem forte”, “Terra de Teixeira”, como a “A capital nacional da literatura” e, a par disso, como um dos espaços urbanos em franco desenvolvimento na área da saúde. Além disso, ocorre de dois em dois anos, o Festival do Folclore, que se consolidou na administração de Osvaldo Gomes e Júlio Teixeira. Gomes foi prefeito da cidade em duas gestões: 1993/1996 e 2001/2004 e em sua última administração, o slogan foi “Passo Fundo, terra de gente boa”, que se sustenta em discursos anteriores. Em 1995, o festival fez parte das comemorações dos 25 anos do CIOFF-Mundial, celebrando os 150 anos da Assinatura da Paz de Ponche Verde e os 138 de emancipação política de Passo Fundo.

Para Paulo Monteiro, membro da Academia Passo-fundense de Letras e do Instituto Histórico da cidade, a representação da cidade abarca vários projetos e, destacamos, de várias designações, que vão desde “Capital do Planalto Médio” até “Terra do trigo”. Entretanto, nenhuma dessas designações é significativa na ordem do imaginário de Passo Fundo. De 1973 a 1977 slogan oficial “Passo Fundo: passo firme para o progresso” representava a filiação do prefeito Azambuja a governos militares, o que se configura pelo desejo de por ações político-administrativas austeras. Diante dessas identificações efetuamos questionamentos em torno das designações possíveis para “Passo Fundo” e para seus cidadãos, bem como os imaginários constituídos em torno deles.

De acordo com Jabs Paim Bandeira⁴, a candidatura de Azambuja representou o desejo de mudar “o passo de Passo Fundo”. Tal mudança indicia filiações ao militarismo e se concretizam pela relação do prefeito tanto com o governo Médici (1969 -1974), quanto com seu sucessor, Geisel, em cujos governos militares houve a popularização dos meios de comunicação com vistas a atingir todas as camadas sociais. A designação “progresso” tornou-se uma imposição em todos os espaços, sobretudo nas cidades em que os prefeitos filiavam-se partidariamente com o Governo Federal. Isso para sustentar a importância do projeto de desenvolvimento econômico e o seu sucesso.

As memórias que retornam pelo slogan oficial “Passo Fundo: passo firme para o progresso” constituem-se por um discurso *de, ou seja*, ele rememora a inauguração do ponto de passagem dos primeiros tropeiros paulistas⁵, que vinham ao RS em busca de charque para abastecer a feira e sustenta toda a possibilidade de falarmos *sobre* a administração da cidade e do Estado.

No decorrer da pesquisa sobre os discursos que sustentam a designação “Terra de gente boa”, encontramos textos que dão conta que as forças políticas, representantes das instituições urbanas resolveram “olhar” para a cidade, ver como “ela se dizia”. Observaram, então que os nomes dos espaços públicos (restaurantes, casas comerciais) e também os textos publicitários que vendiam a cidade, segundo Paulo Monteiro, se alicerçavam no “gauchismo”. Em 1980, em decorrência dessa pesquisa, foi criado o adesivo cuja inscrição: “Passo Fundo tchê!, ressaltando o sentimento tradicionalista da cidade, transformando esse slogan em lei. A criação em 1980 da Secretaria de desporto e Cultura legitima e institucionaliza a

cidade como “a mais gaúcha”, mas ela é conhecida também como a “Terra de Teixeira”, que se auto-designava “gaúcho de Passo Fundo”. Em 1960 Teixeira compôs a música com esse título e por ela/com ela divulgou e ressignificou o “passo-fundense de um “jeito” muito singular.

Confrontos políticos na “Terra de Gente Boa”

A cidade é reconhecida como a mais gaúcha do Rio Grande do Sul e sustenta esse imaginário pelo trabalho de reprodução e transformação discursiva na/pela mídia local, que põe em circulação o “Terra de gente boa”. Assim, retomamos a noção de contradição e resistência, uma vez que se estabelece o confronto na/pela designação de Passo Fundo, que age como força das ações político-administrativas sobre o sujeito passo-fundense e rio-grandense. As duas noções são aqui definidas por Pêcheux (1997), segundo o qual é no jogo complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação, de uma dada formação social, que as ideologias agem como forças materiais na constituição dos indivíduos em sujeitos, fundamentando-se também em um espaço de transformação das relações sociais. No *corpus*, não apenas a materialidade histórica é constitutiva (enunciados verbais) do discurso, mas também a musical (com a materialidade geo-espacial) é representativa da força que designa a cidade e, por consequência, sustenta o imaginário de sucesso aos/sobre seus moradores. É nisso que consiste, para nós, a composição da memória histórico-discursiva, tendo em vista a retomada de vários acontecimentos históricos e discursivos em sua constituição. Esses, por sua vez, são efeitos resultantes do todo “complexo de relações

4 <http://jabspaimbandeira.blogspot.com/2008/10/d-300908-mudando-o-passo-do-passo-fundo.html>, acesso em 15 de agosto de 2009, às 21 h 58 min.

5 Reportamo-nos às informações do grupo Pró-Memória de Passo Fundo.

de contradição-desigualdade-subordinação” de que trata Pêcheux (1997).

A memória discursiva define-se como um espaço no qual circulam ideologias no sentido de que o interdiscurso é saturado de sentidos; ela (a memória) é um espaço lacunar e não simétrico ao interdiscurso, pois ressoa pelo gesto interpretativo do sujeito. Nesse sentido, a memória discursiva estrutura o acontecimento histórico e discursivo, porque, nesse espaço de memória, podemos observar um dos funcionamentos da interpretação, por meio da qual se dá a relação simbólica entre sujeito, língua e história.

Sobre o funcionamento da memória e do acontecimento discursivo, especificamente em enunciados como “Terra de gente boa”, o espaço público urbano imbrica-se ao espaço público rural, de atividade agrícola. Em contrapartida, o espaço público urbano e o público cultural em relação ao tradicionalismo, estabelecem confrontos. A seguir, observaremos que as análises focalizam o funcionamento do político-administrativo da cidade, dentro desses espaços delimitados. Para isso, analisamos uma das músicas mais conhecidas no país, *Gaúcho de Passo Fundo*, lançada em 1960, que faz sucesso ainda hoje.

Na letra da música de Vítor Mateus Teixeira - *Gaúcho de Passo Fundo* -, por exemplo, a relação simbólica entre sujeito, língua e história configura-se no confronto que estrutura/determina a relação entre o espaço geográfico urbano cidade/Estado, habitado por homens respeitosos e hospitaleiros *versus* o espaço interiorano rural/Estado, habitado por homens “valentes”, estancieiros, tropeiros e produtores de trigo. É possível observar tal afirmativa em cada estrofe, todas formadas pelos refrões da música, desdobradas nas quatro sequências discursivas, a seguir.

Cabe lembrar que a organização dos recortes deve-se ao fato de cada refrão funcionar,

não apenas como uma retomada, mas como reforço do já-dito nos versos precedentes. Em vista disso, ocorre uma espécie de deslizamento de sentidos e de deslocamentos de sentidos, quando produz efeito de fechamento da estrofe. Assim, a análise de cada estrofe da letra da música vem determinada por seus refrões que, a nosso ver, retomam a ideologia correspondente à formação discursiva, mas produz um deslocamento tanto sobre a imagem ideal de cidadão para habitar a cidade, quanto sobre a memória.

Pelas quatro sequências discursivas desenvolvemos uma análise da ação tradicionalista gaúcha e da ação político-administrativa dos governantes da cidade. Estes, mais tarde, não só criam e aprovam o slogan “Terra de gente boa”, mas também decretam o seu uso em outdoors próximos das entradas principais da cidade, e em espaços internos (ônibus de transporte urbano). A seguir, a análise da S.d.1

S.d.1 - Mas se alguém me pisar no pala/meu revólver fala e o bochincho está feito.

No recorte, por um lado, há a repetição formal e a reformulação parafrástica dos refrões, por meio de um conjunto de pré-construídos, configurando, assim, uma memória que estabiliza e homogeneiza as ações do gaúcho. Por outro lado, há o orgulho de pertencer ao Estado; o orgulho de morar na cidade. Verifica-se a irrupção, na música, de elementos produzidos historicamente em outros espaços de memória que, ao afetá-la, alteram seu funcionamento, constituindo-o como acontecimento.

A identificação do sujeito com a FD que o domina, na qual o sentido é produzido como evidência para o sujeito, de acordo com Pêcheux (1997), permite pensar a metáfora em relação ao repetido, ao pré-construído e à memória. A partir da observação de Pêcheux vemos a possibilidade

de retorno a acontecimentos históricos, como a Revolução Farroupilha (1835 e 1845), cujo objetivo era reagir contra o descaso administrativo do governo central com a Província do Rio Grande do Sul, vista como fornecedora de soldados para defenderem as fronteiras brasileiras.

Na S.d.1, a auto-designação do cidadão em primeira pessoa “sou gaúcho”, “sou do Rio Grande”, dá visibilidade à individualidade que representa ações de um coletivo; nesse caso, o fato de habitar a cidade de Passo Fundo sustenta o lugar reivindicado pelo compositor e cantor, garantindo para si uma identidade de passo-fundense espelhado no outro. É pertinente salientar que o enunciado “trato todo mundo com muito respeito”, estrutura e cria, paradoxalmente, no individual e no coletivo, um referencial de ações singulares ao gaúcho, mas também algumas manifestações reveladas pelo corpo: “está na cara repare o meu jeito”, fazendo ressoar pela memória outros discursos significativos para o povo rio-grandense.

Historicamente, os gaúchos conquistaram e impuseram o respeito por meio do duelo e do confronto, por ocasião da Revolução Farroupilha que significou a resposta do povo gaúcho ao Governo imperialista diante do que consideravam injusto. Prepotência ou não, o que ressoa entre os elementos qualificativos do homem passo-fundense, na S.d.1, é o sentimento de pertencimento e de identificação com um homem de atitudes, semelhante ao gaúcho que enfrentou a política do governo federal.

Instaura-se, na sdr1, a relação entre acontecimento histórico e discursivo, no processo de constituição de sentidos para cidadão. A música *sobre* a cidade de Passo Fundo e com a atuação do cidadão passo-fundense rompe com a cadeia significativa. O acontecimento musical e histórico da fundação da cidade, permitem a designação

“mais gaúcha”. Por meio da perspectiva teórica e metodológica da Análise do Discurso, adotada neste trabalho, a S.d.1 leva à compreensão do acontecimento discursivo pelo qual a cidade constitui-se de gente valente, que não aceita desaforos e defende seu patrimônio, fazendo retornar outros acontecimentos históricos e discursivos, conforme referidos acima, tal como o da Revolução Farroupilha que, por sua vez, lembra os confrontos político-administrativos; retorna às batalhas, e ainda retoma as ações de resistências às políticas de desigualdade, sobretudo, configura o combate a atitudes de desrespeito.

A Revolução Farroupilha funciona aqui como um discurso *de* pelo interdiscurso, como efeito de pré-construído e irrompe no eixo da formulação, como discurso transversal, que não se sintagmatiza, mas é constitutivo do sentido pela memória. O confronto se configura pelo instável, por *formações discursivas* que colidem em um movimento contínuo de enfrentamento instauram o embate ideológico entre as diferentes posições-sujeito, a partir das quais se produzem as diversas representações que interpretam o espaço urbano. A materialidade histórica constitutiva do discurso e o acontecimento musical se faz irromper, no histórico da Revolução e de todo o conflito geo-espacial, que incide sobre a força das cidades e, por conseqüência, de seus moradores, resultando no discurso *sobre*, pelo qual o sujeito-cidadão da cidade se (re)apresenta como “gente boa”.

A cidade é designada no espaço da memória entre o acontecimento musical e o histórico. É nisso que consiste, para nós, a formação do confronto, tendo em vista que vários acontecimentos históricos e discursivos constituem a cidade pelo retorno de discursos que estruturam os acontecimentos históricos e estes dotam o acontecimento musical de efeitos de realidade, pelo imaginário em relação aos sujeitos

e ao espaço urbano. Os discursos, por sua vez, são resultantes do todo complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação, de que trata Pêcheux e da instância do imaginário, que, segundo Orlandi (2002, p. 74), “dá uma direção ideológica, uma ancoragem política ao texto”. Constituídos, no caso presente, pela música, pelo mobiliário e pelos símbolos sociais da cidade (estátua de Teixeira e monumentos que fazem retornar a história e, com ela, os atos heróicos imputados ao passo-fundense e ao gaúcho).

O modo como o cidadão é visto (tratado) pelo outro é que instaura a diferença entre pertencer/não pertencer à cidade de Passo Fundo. O enunciado: “Se alguém me pisar no pala” possibilita, no mínimo, dois efeitos de sentido. O primeiro refere-se à valentia atribuída ao morador da cidade; o segundo, ao homem que defende sua honra, que não aceita provocação. No entanto, na S.d.1, remontar a imagem do confronto, uma vez que a Revolução Gaúcha é uma consequência da política-administrativa do Governo Federal. A condicional “se” estabelece o limite entre os espaços de memória recuperados pelo discurso *de*, que sustenta e atualiza o discurso *sobre*, como memória. O verso: “meu revólver fala e o bochincho está feito” faz retornar a memória de luta e de defesa dos direitos, não do sujeito individual, mas do coletivo, o gaúcho na defesa de seus direitos e de seus ideais de liberdade.

As relações de força instauradas no discurso atestam que os saberes pré-existem ao discurso e os momentos históricos diferentes retomam as mesmas questões sociais, implicadas no referido processo de identificação do cidadão passo-fundense. Com base nisso, toda a reflexão precedente, ao abordar o entrelaçamento dos três acontecimentos (histórico, musical e discursivo), nos encaminha para considerarmos o que se encontra em jogo no processo discursivo em

exame, a saber: a relação de força como imposição das relações de respeito e poder.

S.d.2 - *Eu sou gaúcho e se me agride eu tundo sou de Passo Fundo do Planalto Médio.*

A constatação de que estamos diante de um acontecimento discursivo é possível quando se tomam as relações de força e de poder nos processos de identificação do passo-fundense ao sul-rio-grandense. O entrelaçamento dos três acontecimentos instaura, na S.d.2, a política do confronto, que sai da esfera pública e passa para o espaço privado, uma vez que o cidadão é designado, na música, pelo comportamento e pelas emoções e reações. Não ser “nervoso”, nem ser “medroso” (marcas linguísticas retiradas dos versos que precedem o segundo refrão), mais uma vez, instauram a tensão, um novo efeito de sentido. Tal efeito surge porque a “docilidade” constitui um espaço aberto para os deslizamentos de sentido, para o civilizado. O homem valente que não leva desaforos para casa, como vimos na S.d.1, contraditoriamente, é calmo e corajoso. É civilizado, portanto, pertence ao espaço urbano que se singulariza por ser “terra de gente boa”.

Já, na S.d.2, “Eu *sou* gaúcho e se me agride eu tundo sou de Passo Fundo do Planalto Médio”, os efeitos de sentido oscilam entre o público e o privado; entre o geo-espacial e o local/regional; entre o cidadão e o interiorano. O que chama a atenção é a repetição do uso da condicional “se”. A gentileza, as características do homem urbano se confundem com as características do homem não urbanizado e marca a relação de confronto ou de defesa entre eu (marcados linguisticamente por “sou” e “me”) e ele (marcado linguisticamente pela terceira pessoa, que é recuperada pela ação “agride”). O confronto que faz parte dos processos de identificação do cidadão é uma característica inerente ao imaginário que se forma da cidade, da

região e do Estado. É possível depreender que, a partir da designação da cidade, ao falar de si, o sujeito do discurso fala do outro igual a ele por pertencer ao mesmo Estado, mas que lhe faz provocações (e do outro diferente dele por morar em outra região).

Tanto na S.d.1 quanto na S.d.2 o jogo metafórico funciona na manutenção de uma relação intrínseca entre os acontecimentos histórico, musical e discursivo. Tal relação se forma pelo jogo existente entre a estrutura da língua e o acontecimento. Nesse caso, o movimento de ida e volta nos espaços públicos e privado; local e regional; individual e coletivo, e ainda no sentimento e na ação, torna-se determinante na estabilização dos sentidos emergentes da música de Teixeira pela funcionamento da memória, que constituem redes parafrásticas e reforçam o imaginário de homem valoroso e gentil. O discurso se estrutura pela divisão própria do sujeito, que é pacato e gentil, mas também lutador, resistente, portanto, urbano, civilizado e defensor de seus direitos.

Pela memória discursiva, é possível compreender as redes de filiação histórica que organizam o discurso, uma vez que ela (memória) dá lugar aos processos de identificação à cidade e ao cidadão passo-fundense. Nesse sentido, a relação entre o real histórico e o imaginário em que cidade e cidadão se inserem, é estruturada por outro elemento: cultura/educação. Ao declarar: “eu me criei sem conhecer remédio”, o sujeito remete-se a um passado de homem natural/primitivo, mas também determinado pela valentia, pois conserva suas raízes. Vale dizer, o passo-fundense é tradicionalista, portanto, é gaúcho. O enunciado: “Eu meto os peitos em qualquer

fandango” denota uma ação costumeira desse sujeito, a briga (defesa) por seus direitos. Suas reações dependem muito do modo como ele é visto e tratado pelo outro (que é seu igual ou diferente); já, ao dizer, “mas quando eu me zango derrubo o prédio”, o sujeito do discurso volta a reforçar a ideologia do confronto.

O confronto é amplamente evidenciado na materialidade linguística. O funcionamento do verbo “tundar”, em que o compositor cria um neologismo para designar a ação de brigar e, evidentemente, não apanhar, mas surrar, reforça o imaginário de gaúcho presente em confrontos, em batalhas. Pelejar, brigar é o que permite flagrar o que se sobrepõe na identidade do gaúcho - além de suas atitudes político-administrativas -, e o diferencia dos demais cidadãos: o seu vocabulário. Pelo exposto acima, podemos afirmar que, por seu sentimento de pertencimento à cidade de Passo Fundo, a sua inscrição ocorre pelo espaço que habita, pelo costume, pelo corpo e por sua voz. O próximo recorte procura mostrar um pouco mais, uma vez que sabemos que o músico e compositor não era natural de Passo Fundo⁶.

*S.d.3 - É um pedaço do Rio Grande amado/
orgulha o Estado e o povo rio-grandense.*

A virtualidade dos fatos por um discurso que se sustenta no imaginário de urbanidade e cidadania produz o esquecimento do que é interiorano. A memória discursiva, fruto da relação da língua com a história, é constitutivamente afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que se materializa no seu caráter necessariamente lacunar e equívoco. O orgulho de ser cidadão de Passo Fundo faz com que o sujeito do discurso justifique o sentimento de

06 Vítor Mateus Teixeira, Teixeira, nasceu em 03 de março de 1927 no distrito de Mascaradas, em Rolante. Após a morte de seu pai, quando tinha 6 anos de idade, foi para Porto Alegre, onde carregou malas, foi vendedor de verduras, entregador de jornais e estivador, para sobreviver. Logo após a maioridade, trabalhou no DAER, como patroleiro, quando começou a carreira artística, vindo fixar-se em Passo Fundo, com uma banca de tiro ao alvo e também cantando na Rádio Municipal. Recebeu o título de Cidadão Emérito em Rolante, Santo Antônio da Patrulha e Passo Fundo, cidade que o adotou como filho.

pertencimento e de identidade pela capacidade de produção e pelo sucesso. Trata-se do que Courtine (1982) nomeia de “memória saturada e lacunar, memória com eclipses, em que ressoa somente uma voz sem nome”. Essa memória estrutura-se pelo esquecimento de não ser e não pertencer à cidade, que funciona por uma modalidade de repetição vertical, ao mesmo tempo, ausente e presente na série de formulações. Ausente porque ela funciona sob o modo do desconhecimento, de um não-sabido, não-reconhecido, que se desloca; presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de pré-construído, de recorrência das formulações, assim produzindo a estabilidade dos objetos do discurso (títulos de Cidadão Emérito, a produção de trigo, as conquistas na vida).

Os processos identificatórios de urbano e de cidadão sustentam-se pelo orgulho de ser passo-fundense, que está no enunciado “eu respondi sou da terra do trigo”. Daí, podemos questionar: será o urbano sustentado pela cidadania? A designação “Terra de gente boa” não estaria relacionada às forças de produção? Nesse caso, há uma forte identificação do cidadão passo-fundense com a atividade agrícola, mais especificamente com a do trigo, que indica fartura, prosperidade, riqueza, sucesso. O pertencimento é materializado na S.d.3: “É um pedaço do Rio Grande amado/orgulha o Estado e o povo rio-grandense”. A estreita relação entre cidadão/gaúcho de Passo Fundo e cidadão do Estado rio-grandense se concretiza novamente entre o presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de efeito de pré-construído, de recorrência das formulações, produzindo a estabilidade dos objetos do discurso: cidadão e Passo Fundo. Como na cidade “tem um povo amigo e quando luta vence”, há um dizer que já vimos ressoar no enunciado “Passo Fundo: passo firme para o progresso”, que também ressoa em “Terra de gente boa”. Em vista disso, o entrelaçamento de saberes que remonta os sentidos de cidade e

de cidadão, em duas administrações de espaços políticos e de tempos diferentes, em Passo Fundo, torna visível o político e o modo de se fazer política na cidade.

A sdr3, presente no terceiro recorte, permite refletir especificamente sobre a questão pessoa/ espaço geográfico/produção, quando se toma como ponto de partida os elementos pertencentes aos processos de identificação e às políticas de inserção e de pertencimento. Nesse caso, habitar em Passo Fundo, especificamente no Rio Grande do Sul, significa produzir, portanto, tornar-se um vencedor. A quarta S.d. abordará melhor o que já se depreendeu nas análises sobre a figura do cidadão passo-fundense. Teixeira no discurso *sobre a cidade*, veiculado pela música “Gaúcho de Passo Fundo”, se mostra como um sujeito desejante que, pelo efeito de espelhamento, se vê no outro, no passo-fundense.

S.d.4 - *Pra ver as prendas mais lindas do mundo cheguei em Passo Fundo no cantar do galo.*

Sobre a S.d.4, há um reforço na construção da imagem do homem-cidadão como um ser/homem entregue à lida do campo e sem tempo para futilidades. Ao dizer “Me dá licença vou encilhar o cavalo”, o sujeito do discurso fala do lugar ocupado pelo desbravador: “Brasil afora atravessei os estados”. Esse dizer ressoa de discursos advindos de outra instância, da presidencial. Nos discursos de Getúlio Vargas, de acordo com Schons (2007, p. 188), o presidente se revela “benfeitor da nação e do povo, projetado na figura de governo bom e generoso”. A imagem de desbravador, de um lado, retorna a tempos longínquos, como o do descobrimento e o da origem do Brasil; de outro, instaura a contradição. Para a autora, ao analisar um dos discursos de Vargas, publicado na *Folha de São Borja*, em 1950, a contradição está na convergência de uma prática de aliança, uma vez que o sujeito enunciator

propõe uma prática “como se pudesse somar religião, capital e trabalho” (p. 189). Ele propõe essa soma, “como se fossem forças passíveis de articulação”, como se fosse possível pagar o ônus da submissão de ter uma prática política que contempla os objetivos de uma política separatista sem prejuízos aos seus moradores.

O processo discursivo constitutivo da materialidade em exame sinaliza para a existência tanto do sujeito defensor da força, dos costumes, das tradições, do trabalho, quanto do sujeito que desestabiliza as filiações de sentidos (re) organizando a ordem, pela aparente fragilização do sujeito preso ao sentimento amoroso. O autor elogia as mulheres de Passo Fundo, e de todo o Rio Grande do Sul, quando pretende: “... ver as prendas mais lindas do mundo”. Surge aqui, na figura da mulher a beleza, a força que constitui o “orgulho de ser gaúcho”. A figura histórica de Anita Garibaldi poderia funcionar como embate e confronto na defesa do ideário gaúcho. Outro espaço de memória que ressoa nos efeitos de sentido desse discurso é o da existência do homem sempre junto à mulher, desde o início dos tempos. Aí retorna o discurso religioso, ou seja, Deus criou a mulher, de uma costela de Adão. Desde então, homem e mulher vivem juntos, um como o reverso do outro.

Trata-se de discursos *de*, que possibilitam a constituição mesma de um discurso *sobre*, pelo funcionamento do *interdiscurso*, fazendo retornar, na própria linearidade do discurso, memórias que constituem novos sentidos. Além disso, eles indiciam a fragmentação do sujeito por causa da emergência de novos saberes, como acabamos de ver na S.d.4. O interdiscurso é definido como o complexo significante com dominante, em que se delimitam as diversas *formações discursivas* (Pêcheux, 1975; Courtine, 1982) que se confrontam em uma formação social em uma conjuntura dada. As FDs integram o interdiscurso, no qual convivem na

dispersão de seus enunciados, e representam regiões de estabilização da memória discursiva organizada por processos de reformulação parafrástica, em movimento contínuo de reconfiguração. O interdiscurso afeta a materialidade linguística das sequências discursivas apresentadas como vestígios do movimento histórico sem fim das FDs nas relações de dominação, subordinação, antagonismo e aliança que definem sua configuração.

Ao pensar o papel específico da ideologia no processo discursivo analisado, mais em relação à rememoração/comemoração e ao desdobramento destes sobre o imaginário urbano e sobre a memória construída, é possível enunciar que, mesmo após a morte de Vitor Matheus Teixeira, em 1985, a música e as definições do “gaúcho de Passo Fundo” continuaram ressoando. Kleiton e Kleidir, dois artistas do Rio Grande do Sul, por exemplo, regravaram a música em 1999. A confirmação desse ressoar se dá pelo slogan “Passo Fundo Terra de gente boa”. Oswaldir e Carlos Magrão - artistas da cidade - também regravaram a música em 2000, e acrescentaram a ela dizeres: “A terra é boa, o gaúcho é bom e o céu é azul”. Assim, Passo Fundo é, apesar de todos os slogans que vieram depois de “Passo Fundo Tchê”, como ficou conhecido, “Terra de gente boa”. Esta designação se sustenta no discurso *de* - a partir do qual se estrutura, no eixo da formulação, o discurso *sobre* - no intradiscurso como rememoração/comemoração pela memória discursiva, que segundo Pêcheux (1997, p. 167), lineariza-se no “fio do discurso”.

Considerações finais

Assim, o discurso urbano pela rememoração/comemoração abarca a história e o político da cidade, especificamente de sua constituição pelo “orgulho de ser gaúcho” nela

latente. Essa leitura é possível pelos monumentos que povoam o espaço urbano, dentre os quais se destaca o de Teixeira, que apesar de ter nascido em Rolante, se diz “gaúcho de Passo Fundo”. Na ordem do imaginário, os cidadãos passo-fundenses aceitam-no como “filho da terra”, porque desejam ser *semelhantes* ou *iguais* a ele e com isso fazem com que Passo Fundo seja conhecida como a “Terra de Teixeira” em detrimento das demais designações. Há outros monumentos também constitutivos do discurso *de*, que ancoram a designação analisada neste artigo, tais como “a caravela”, construída no ano da comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil, em 2000, e o “gaúcho em seu cavalo”, situado em um dos trevos da cidade. Neles, irrompe, no eixo da formulação, os espaços de memória constitutivos do imaginário político/urbano de Passo Fundo “Terra de gente boa”.

Convém notar que pelo modo de exercer o mando, surgem os temas recorrentes nas administrações municipais, mostrando que a comemoração/rememoração pode incidir em alguns equívocos. Estes reforçam a perspectiva da continuidade e da sustentação de um imaginário de cidadão que se reconhece na designação da cidade como “Terra de gente boa”. Pressupõe, então, um espaço público/urbano isento de problemas, sem violência, em que todos atingiram a integridade. No entanto, há um movimento de práticas de continuísmos e, ao mesmo tempo, de rupturas que se misturam em diversas formas e discursos, contemplando objetivos antagônicos, no interior da mesma formação discursiva. Tal fato “mascara” e reproduz um imaginário bucólico (rústico) dentro do próprio governo da cidade, já que este, em sua prática político-administrativa, cumpre com a missão de defender interesses de seus cidadãos.

Reafirmamos que a memória, apesar das instituições, das coerções e das interdições, de

acordo com Foucault (2004), não é passível de gerenciamento, visto que só “colam” e constituem memória fatos que fazem sentido na formação social. E, em contrapartida, só fazem sentido os discursos que encontram ecos no passado, e, somente se, esses ecos ressoarem no presente, estruturando imaginários por efeitos de espelhamentos – o sujeito vê no outro a imagem de si.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ORLANDI, Eni Puccineli. No limiar da cidade. **Revista Rua** (número especial, p. 8 - 19), UNICAMP, 1999.

_____. (Org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001a.

_____. (Org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, SP: Pontes, 2001 b.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: 2001c.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 4ª. Ed. Campinas: Pontes, 2002a.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5ª. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002b

_____. (org.) **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004a.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e**

efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et. al.]. 3ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. GADET, Françoise (org.) Trad. de Bethania Mariani (et.al.) 3ª. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997a.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da memória.** Trad. Introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SCHONS, Carme R. Contradição: um retorno ao histórico-discursivo de Vargas. In: GLAGLIETTI, Mauro; SANTOS FILHO, Francisco C. (Orgs.). **Ratos de biblioteca:** itinerários de leituras. Passo Fundo: Ed.UPF, p. 178- 198, 2007.

Site www.pmpf.rs.gov.br acesso em 22 de julho de 2009, às 21 h 30min.

www.imobiliariaspassofundo.com.br/festival, acesso em 20 de julho às 15 horas.

Site http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Prefeitos_de_Passo_Fundo, acesso no dia 15 de agosto, às 20 h 50 min.

VENTURINI, Maria C. Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo, 2009.

Artigo enviado em: 17/08/2010

Aceite em: 30/08/2010